



UFES

Universidade Federal do Espírito Santo

Centro de Educação Física e Desportos

Curso de Licenciaturas em Educação Física

**Futsal e Sociabilização na Primeira Infância: Uma Experiência Pedagógica no Contexto
Extracurricular**

RUAN JANTORNO

Vitória

2025

RUAN JANTORNO

Futsal e Sociabilização na Primeira Infância: Uma Experiência Pedagógica no Contexto Extracurricular

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado no curso de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, UFES.

Orientador (a): Prof.(a) Dr. Ubirajara de Oliveira.

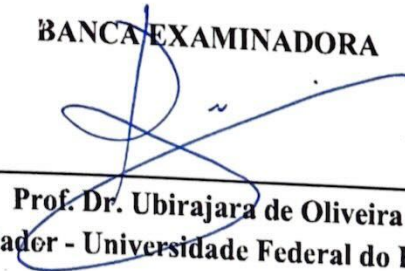
**Vitória
2025**

RUAN JANTORNO

Futsal e Sociabilização na Primeira Infância: Uma Experiência Pedagógica no Contexto Extracurricular

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ubirajara de Oliveira
Orientador - Universidade Federal do Espírito Santo



Prof. Me. Valdione dos Santos Ribeiro
Banca - Universidade Federal do Espírito Santo



Prof. Me. Ivan Lopes Miqueline
Banca - Universidade Federal do Espírito Santo

Dedico este trabalho à minha família, que sempre acreditou no meu potencial e me apoiou em cada etapa da minha formação.

Aos meus alunos, que me ensinaram mais do que eu poderia imaginar e me mostraram, na prática, o verdadeiro sentido de ser professor.

E a todos que, de alguma forma, fizeram parte dessa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família e companheira, por todo o apoio, compreensão e incentivo durante minha formação. Sem o suporte constante nos momentos mais difíceis, não teria sido possível chegar até aqui.

Expresso minha gratidão ao professor orientador Ubirajara de Oliveira, pelo acompanhamento cuidadoso, pelas orientações construtivas e pela paciência ao longo da produção deste trabalho.

Agradeço também aos professores Paulo Henrique Romagna e Daniel Flach, pela oportunidade de vivenciar a prática pedagógica na Escolinha do Tio Daniel e pelo aprendizado diário durante o estágio.

Aos colegas de curso e amigos que compartilharam comigo essa caminhada, meu reconhecimento pelo companheirismo e pelas trocas que tornaram o percurso mais leve e enriquecedor.

Por fim, agradeço a cada aluno com quem tive o privilégio de conviver durante minha atuação na escolinha. Foram eles os verdadeiros protagonistas desta experiência e os maiores responsáveis pelos aprendizados que levo comigo como futuro professor.

RESUMO

Este trabalho apresenta um relato de experiência sobre a atuação em uma escolinha de futsal desenvolvida no contraturno escolar, com crianças de 3 a 7 anos, em uma escola particular localizada na cidade de Vitória, Espírito Santo. O objetivo principal foi compreender como a prática do futsal pode contribuir para o desenvolvimento da sociabilidade na primeira infância, considerando o esporte como meio pedagógico e formativo. A metodologia adotada foi qualitativa, com base em observações sistemáticas e registros reflexivos realizados ao longo de cerca de dois anos de estágio não obrigatório. As aulas foram planejadas com foco na ludicidade, cooperação, progressão pedagógica e respeito às características individuais de cada aluno. O relato é organizado em capítulos que contextualizam o local da prática, descrevem os planejamentos e as dinâmicas das aulas, relatam situações de interação entre os alunos e analisam evidências de desenvolvimento social. Os resultados observados apontam que a vivência regular no ambiente esportivo favoreceu a construção de vínculos, a empatia, o respeito às regras e o fortalecimento das relações interpessoais. Além disso, a experiência revelou desafios importantes para a prática docente, como a mediação de conflitos, a gestão do tempo e a adaptação constante das atividades. Conclui-se que o futsal, quando orientado pedagogicamente, pode ser um potente instrumento de socialização e desenvolvimento integral na infância.

Palavras-chave: Educação Física. Futsal. Primeira infância. Sociabilidade. Relato de experiência.

ABSTRACT

This paper presents an experience report on the practice developed in a futsal school held during after-school hours with children aged 3 to 7, at a private school located in Vitória, Espírito Santo, Brazil. The main objective was to understand how futsal practice can contribute to the development of sociability in early childhood, considering sport as a pedagogical and formative tool. The methodology adopted was qualitative, based on systematic observations and reflective records collected over approximately two years of non-mandatory internship. The classes were planned with an emphasis on playfulness, cooperation, pedagogical progression, and respect for each student's individual characteristics. The report is organized into chapters that contextualize the teaching setting, describe the planning and dynamics of the lessons, recount interaction episodes among the students, and analyze evidence of social development. The observed results indicate that regular participation in the sports environment promoted the construction of bonds, empathy, rule-following behavior, and the strengthening of interpersonal relationships. Furthermore, the experience revealed key challenges for teaching practice, such as conflict mediation, time management, and constant adaptation of activities. It is concluded that futsal, when pedagogically oriented, can be a powerful tool for socialization and comprehensive development in childhood.

Keywords: Physical Education. Futsal. Early Childhood. Sociability. Experience Report.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. JUSTIFICATIVA	11
3. OBJETIVOS	12
3.1 Objetivo Geral	12
3.2 Objetivos Específicos	12
4. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	13
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
5.1 A Sociabilização na Primeira Infância	14
5.2 Esportes Coletivos e o Futsal na Educação Infantil	15
5.3 A Pedagogia do Esporte e Metodologias Ativas no Ensino do Futsal.....	16
6. RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	18
Capítulo 1 – Contexto da Prática: A Escolinha de Futsal	18
Capítulo 2 – Planejamento Pedagógico	19
Capítulo 3 – Desenvolvimento das Aulas e Interações Sociais	20
Capítulo 4 – Evidências de Sociabilização.....	21
Capítulo 5 – Desafios e Aprendizados	23
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS	27

1. INTRODUÇÃO

A infância é uma etapa essencial no processo de desenvolvimento humano, marcada por intensas transformações cognitivas, afetivas e sociais. Durante essa fase, a construção de vínculos, a aprendizagem de regras de convivência e o exercício da empatia são fundamentais para a formação de sujeitos socialmente integrados e com boa estabilidade emocional. Nesse contexto, a escola desempenha um papel importante, não apenas como espaço de aprendizagem formal, mas também como ambiente privilegiado para o desenvolvimento das relações interpessoais.

O esporte, especialmente quando praticado em espaços extracurriculares, surge como uma ferramenta pedagógica potente para promover a socialização de crianças na primeira infância. Entre as diferentes modalidades, o futsal se destaca nas escolas brasileiras por sua popularidade, acessibilidade e caráter coletivo, reunindo elementos que favorecem o convívio, a cooperação e o respeito mútuo. Quando inserido em atividades extracurriculares, o futsal oferece um ambiente mais espontâneo e menos rígido que a sala de aula tradicional, criando oportunidades para que as crianças se relacionem e se expressem socialmente por meio do jogo.

Segundo Galatti (2014), os jogos esportivos coletivos, como os esportes de invasão — categoria em que se enquadra o futsal — favorecem o desenvolvimento de habilidades interpessoais ao exigirem dos participantes constante adaptação, comunicação e trabalho em equipe. Garganta (1995) complementa que essas práticas estimulam a cooperação, a tomada de decisões em grupo e o respeito às regras e ao outro — elementos centrais na formação social da criança. Ainda, Oliveira (2023) destaca que o modelo pedagógico *Teaching Games for Understanding* (TGfU), ao priorizar o entendimento do jogo em vez da técnica isolada, promove um ensino mais significativo e centrado no aluno, contribuindo para a sociabilização e autonomia infantil.

No cenário da primeira infância, essas experiências ganham ainda mais relevância. Através do futsal, a criança é inserida em um ambiente lúdico e ao mesmo tempo estruturado, onde aprende a negociar espaços, respeitar turnos, resolver conflitos e lidar com frustrações — habilidades fundamentais para a convivência em sociedade. Além disso, o caráter recreativo da atividade permite que a criança vivencie o esporte como um espaço de prazer e pertencimento, fortalecendo vínculos emocionais e ampliando as conexões com outras pessoas.

Este trabalho tem como base o relato de experiência de um estágio não obrigatório realizado no ensino de futsal para crianças da primeira infância, no contexto escolar

extracurricular. A partir dessa vivência, propõe-se analisar de que forma o futsal pode contribuir para o desenvolvimento da sociabilização infantil, valorizando a práxis pedagógica como unidade indissociável entre teoria e prática, apoiada em referenciais da pedagogia do esporte e em metodologias de ensino voltadas à infância. Busca-se, assim, compreender as potencialidades do esporte coletivo enquanto agente formador de vínculos e valores sociais desde os primeiros anos da vida escolar.

2. JUSTIFICATIVA

Entende-se que, a socialização na primeira infância é fundamental para o desenvolvimento emocional e relacional da criança. Nessa etapa, o convívio com diferentes pessoas (fora de seu meio familiar) contribui para a formação de valores e comportamentos necessários à vida em sociedade. O ambiente escolar, ao oferecer experiências de interação além da sala de aula, pode ampliar essas possibilidades, especialmente por meio de atividades desportivas, como o futsal.

Por envolver dinâmica de grupo, regras compartilhadas e constante interação verbal, o futsal apresenta forte potencial para favorecer vínculos sociais. Acredita-se que, no contexto extracurricular, essa prática ocorre de forma mais livre e espontânea, permitindo que as crianças se expressem com menos formalidade e desenvolvam relações mais autênticas, ainda mais por se tratar de um ambiente em que eles não se encontram “obrigados” a participar e costumam estar ali por interesse. Isso cria um espaço favorável para o exercício da empatia, da escuta e da negociação com os colegas, durante a fase de aprendizado e da prática.

A relevância deste trabalho está na proposta de analisar a contribuição do futsal extracurricular para o desenvolvimento da sociabilidade infantil, a partir da vivência no estágio realizado. A literatura na área da pedagogia do esporte enfatiza a importância dos jogos coletivos na formação integral da criança, mas ainda são escassas as produções que abordam essa relação de forma aplicada à primeira infância em ambientes escolares não formais.

A partir dessa lacuna, este estudo busca apresentar reflexões fundamentadas tanto na prática quanto na teoria, contribuindo com subsídios para que profissionais da Educação Física planejem intervenções mais eficazes e conscientes na educação das crianças.

3. OBJETIVOS

A proposta deste trabalho parte do interesse em compreender como a prática esportiva, especialmente o futsal, pode favorecer processos de desenvolvimento social em crianças da primeira infância. Essa escolha decorre da experiência adquirida em um estágio não obrigatório realizado no ambiente escolar, onde foi possível observar a dinâmica do esporte coletivo fora da grade curricular e seu impacto nas interações sociais entre os alunos. A relevância da pesquisa se apoia na possibilidade de articular teoria e prática, refletindo sobre o papel do futsal extracurricular como uma ferramenta pedagógica voltada à formação das relações interpessoais na infância.

3.1 Objetivo Geral

O objetivo central desta pesquisa é investigar de que forma a participação de crianças da primeira infância em atividades de futsal no contexto extracurricular contribui para o processo de sociabilização, com ênfase nos elementos educativos e sociais evidenciados durante a prática orientada do esporte. Ao focar no ambiente escolar não formal, busca-se compreender como a prática em grupo favorece o relacionamento interpessoal e a colaboração mútua entre os envolvidos, promovendo uma aprendizagem que vai além das habilidades motoras.

3.2 Objetivos Específicos

Para atingir esse propósito, pretende-se inicialmente discutir os fundamentos do processo de sociabilização infantil e suas relações com o esporte escolar, identificando elementos teóricos que sustentem essa interface. Em seguida, será analisado o potencial do futsal como prática promotora de vínculos sociais entre crianças, observando os aspectos do jogo que favorecem a construção de relações interpessoais. A pesquisa também busca examinar as contribuições da pedagogia do esporte e de metodologias como o TGfU, investigando como essas abordagens podem ser aplicadas ao ensino do futsal de forma a estimular a participação, a cooperação e o desenvolvimento de habilidades sociais. Por fim, será realizada uma reflexão crítica sobre a experiência de estágio, articulando as observações práticas aos referenciais teóricos para avaliar os efeitos da atividade esportiva no contexto educacional infantil.

4. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A pesquisa foi conduzida a partir da metodologia de relato de experiência, uma abordagem qualitativa que permite refletir, com base científica, sobre vivências concretas ocorridas em contextos educacionais. Conforme Grollmus e Tarrés (2015), esse tipo de relato articula a prática à teoria, possibilitando transformar uma experiência vivida em objeto de análise acadêmica, desde que acompanhada de uma interpretação crítica e fundamentada.

O presente estudo tem como base um estágio não obrigatório realizado em uma escolinha de futsal dentro de uma escola particular na cidade de Vitória, Espírito Santo, no qual foram ministradas aulas de futsal para crianças da primeira infância no período extracurricular. A proposta buscava utilizar o jogo como instrumento de convivência e socialização entre os participantes, observando os aspectos relacionados à sociabilização. Durante esse processo, foram utilizados registros de campo, anotações reflexivas e observações sistemáticas para documentar as interações, comportamentos e ações educativas desenvolvidas.

As intervenções foram inspiradas em princípios da pedagogia do esporte e em metodologias ativas que privilegiam o jogo como espaço formativo durante as aulas. Ademais, a análise da experiência se apoia em autores que discutem o papel dos esportes coletivos na construção de vínculos e habilidades sociais, permitindo uma leitura crítica dos efeitos da prática sobre o desenvolvimento das crianças envolvidas.

A metodologia, portanto, não se restringe à descrição das atividades, mas busca interpretar os sentidos e implicações da prática educativa vivenciada, conectando-a às discussões teóricas que tratam da educação infantil, da cultura esportiva e da formação humana no contexto escolar.

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção tem como objetivo apresentar os principais fundamentos teóricos que sustentam a proposta deste trabalho, articulando conceitos da sociabilização infantil, do ensino dos jogos esportivos coletivos e da pedagogia do esporte. Inicialmente, será abordada a importância da socialização na primeira infância, fase em que as interações com os pares e adultos desempenham papel central na construção das relações sociais. Em seguida, será discutido o papel do futsal e dos jogos coletivos como práticas educativas capazes de promover o desenvolvimento interpessoal das crianças. Por fim, serão analisadas metodologias pedagógicas aplicadas ao ensino do futsal, com ênfase em abordagens que valorizam a participação ativa dos alunos, assim como é visto no modelo TGfU, frequentemente explorado na pedagogia do esporte.

5.1 A Sociabilização na Primeira Infância

A primeira infância, compreendida como o período que vai do nascimento até aproximadamente os seis anos de idade, é reconhecida como uma etapa crucial para o desenvolvimento humano. Nesse intervalo, a criança passa por transformações significativas no âmbito motor, cognitivo, emocional e social, estabelecendo as bases para aprendizagens futuras e para a construção de vínculos afetivos e sociais.

O processo de sociabilização, portanto, é essencial nesse momento da vida. É nessa fase que a criança começa a formar os primeiros vínculos com o outro, compreender normas de convivência e desenvolver comportamentos que favorecem a participação em grupo. A primeira infância, nesse sentido, representa uma etapa decisiva para a constituição das bases emocionais e sociais que acompanharão o indivíduo ao longo de sua trajetória.

Autores da psicologia do desenvolvimento, como Vygotsky (2007), defendem que o aprendizado ocorre nas interações sociais, sendo mediado por relações interpessoais que possibilitam à criança internalizar comportamentos, valores e modos de agir coletivos. No espaço educativo, essas interações se ampliam, sobretudo quando as atividades são planejadas para estimular o diálogo, a cooperação e a resolução de conflitos.

É importante esclarecer, entretanto, que quando se fala em “negociação de regras” na primeira infância, não se trata de relativizar a importância da exposição às regras sociais já estabelecidas, aspecto fundamental para o desenvolvimento moral e social das crianças. No contexto deste trabalho, a negociação ocorreu a partir de propostas apresentadas pelas próprias crianças, que contribuíram para o funcionamento de algumas atividades e brincadeiras, fortalecendo a participação, a criatividade e o senso de pertencimento ao grupo.

Além disso, o entendimento adotado aqui não se limita a uma perspectiva estritamente desenvolvimentista, que poderia se contrapor a abordagens pedagógicas como os Jogos Esportivos Coletivos (JEC) ou o *Teaching Games for Understanding* (TGfU). Ao contrário, busca-se integrar os referenciais, entendendo a sociabilização como um processo dinâmico que envolve tanto dimensões individuais do crescimento quanto a mediação pedagógica intencional, articulada por meio do esporte coletivo.

5.2 Esportes Coletivos e o Futsal na Educação Infantil

Os esportes coletivos, como basquete, handebol, vôlei e futsal, ocupam lugar de destaque no cenário educacional brasileiro, sendo amplamente utilizados como ferramenta para promover o desenvolvimento físico, social e afetivo das crianças durante as aulas de Educação Física. Essas modalidades oferecem um contexto rico em interações, no qual os participantes precisam cooperar, tomar decisões em grupo e respeitar regras comuns para alcançar os objetivos do jogo.

Na perspectiva pedagógica, os autores da área propõem a utilização da categoria dos Jogos Esportivos Coletivos (JEC) como um modelo de ensino que agrupa os esportes coletivos a partir de princípios estruturantes compartilhados, como a lógica interna do jogo, a cooperação entre os jogadores e a necessidade de estratégias coletivas para superar o adversário. Essa abordagem permite que o professor planeje atividades que desenvolvam tanto habilidades motoras quanto competências sociais.

Segundo Garganta (1995), os jogos coletivos exigem dos praticantes constante adaptação a situações imprevisíveis e dinâmicas, o que estimula o raciocínio tático, a percepção do outro e a construção de estratégias compartilhadas. No caso do futsal, além dos benefícios motores, observa-se a emergência de comportamentos sociais como solidariedade, respeito mútuo e empatia, aspectos fundamentais para o desenvolvimento das habilidades interpessoais na infância.

Além disso, Galatti et al. (2008) destacam que o esporte, quando inserido no ambiente escolar com intencionalidade pedagógica, pode contribuir significativamente para a formação integral dos alunos. Para isso, é necessário que o professor vá além da repetição de gestos técnicos e promova situações de jogo que favoreçam o diálogo, a tomada de decisões e a resolução de conflitos em grupo. Nesse sentido, o futsal, por sua estrutura e popularidade entre as crianças, se apresenta como um instrumento eficaz de mediação social, desde que aplicado com objetivos educativos bem definidos.

Outro ponto importante é que a inserção do futsal em espaços extracurriculares permite uma vivência menos formal e mais espontânea, em que as crianças se sentem mais livres para experimentar, errar e se expressar. Oliveira (2023) observa que, em projetos de futsal aplicados de forma lúdica, houve avanços não apenas no desempenho técnico, mas também na qualidade das interações entre os participantes, especialmente no que diz respeito à cooperação e ao trabalho em equipe.

Portanto, ao ser introduzido de forma adequada na rotina escolar, o futsal pode atuar como catalisador de processos de socialização, sobretudo na primeira infância, quando as bases do convívio coletivo estão sendo construídas. Para isso, é fundamental que os jogos sejam conduzidos com sensibilidade e propósito, considerando o ritmo, os interesses e o nível de desenvolvimento das crianças envolvidas.

5.3 A Pedagogia do Esporte e Metodologias Ativas no Ensino do Futsal

A pedagogia do esporte surgiu como resposta à necessidade de tornar o ensino esportivo mais significativo e formativo, especialmente no ambiente escolar. Ao contrário das abordagens tradicionais, que são predominantemente voltadas para a técnica, essa vertente propõe uma compreensão ampliada da prática esportiva, considerando suas dimensões sociais, culturais e educativas no processo de ensino. Quando aplicada à infância, essa perspectiva busca adaptar os conteúdos às reais possibilidades de aprendizagem das crianças, respeitando seu estágio de desenvolvimento motor, cognitivo e socioemocional, promovendo sua participação ativa nas atividades propostas.

Claude Bayer, um dos principais teóricos da área, defende que o ensino dos jogos coletivos deve estar baseado na compreensão da lógica interna das modalidades. Para ele, é fundamental que os alunos aprendam a “ler o jogo” e compreendam seus princípios táticos fundamentais — como manter a posse de bola, avançar no campo e finalizar — antes mesmo de dominar a técnica. Essa lógica favorece o aprendizado por meio da experimentação, da resolução de problemas e da cooperação entre os jogadores, criando situações reais que estimulam o raciocínio e a adaptação ao contexto (BAYER, [s.d.]).

O modelo Teaching Games for Understanding (TGfU), sistematizado por Bunker e Thorpe (1982), tornou-se referência entre as metodologias ativas voltadas ao ensino dos esportes coletivos. Essa proposta valoriza a compreensão tática e a tomada de decisões em situações de jogo, propondo adaptações e jogos reduzidos que priorizam o raciocínio estratégico em detrimento da repetição técnica isolada. No contexto brasileiro, autores como

Galatti et al. (2008) e Paes (2002) dialogam com esses princípios ao defenderem abordagens centradas no jogo e no aluno como caminho para o desenvolvimento integral.

Em experiências práticas recentes, Oliveira; Batista; Santos (2023) observaram que a organização de jogos com foco na resolução de problemas coletivos promoveu não apenas maior envolvimento dos alunos, mas também avanços visíveis na autonomia e na responsabilidade compartilhada durante as atividades.

A pedagogia do esporte, aliada a metodologias como o TGfU, oferece subsídios importantes para o professor de Educação Física que atua com crianças pequenas. Ao planejar atividades que estimulem a participação, o diálogo e a construção coletiva do conhecimento, o educador contribui para o desenvolvimento integral de cada aluno, articulando aspectos motores, cognitivos e sociais de forma equilibrada e coerente com os objetivos educacionais da escola.

6. RELATO DE EXPERIÊNCIA

Capítulo 1 – Contexto da Prática: A Escolinha de Futsal

A experiência relatada neste trabalho foi desenvolvida ao longo de aproximadamente dois anos na Escolinha do Tio Daniel, um projeto de iniciação esportiva realizado nas dependências do Centro de Ensino Charles Darwin, localizado na cidade de Vitória, Espírito Santo. As aulas ocorreram de segunda a quinta-feira, sempre no período pós-aula regular dos alunos, das 18h às 19h. O público atendido era composto por meninos com idades entre 3 e 7 anos, organizados em duas turmas distintas. Nas segundas e quartas-feiras, a média de alunos era de cerca de 12, enquanto nas terças e quintas o número era maior, com aproximadamente 20 participantes divididos em dois grupos, sendo um deles composto por iniciantes sob minha responsabilidade direta.

A estrutura da escola era muito boa para o que a gente precisava nas aulas. A quadra coberta, bem cuidada, dava segurança e liberdade para propor atividades variadas com os alunos. As aulas eram realizadas em uma quadra coberta, bem cuidada e com excelente aproveitamento do espaço. Além disso, nas turmas de terça e quinta, havia uma quadra extra disponível, o que facilitava a divisão dos grupos e o trabalho mais focado com os iniciantes. Os materiais disponíveis também favoreceram a condução das aulas com qualidade: bolas oficiais de futsal adaptadas ao tamanho e à força dos alunos, cones, pratinhos chineses, escadinhas e obstáculos diversos permitiram o planejamento de atividades ricas e variadas, que iam além do aspecto técnico e contribuíam para o desenvolvimento motor geral dos meninos.

Minha atuação docente era compartilhada com outros profissionais. Nas segundas e quartas-feiras, conduzia as aulas em parceria com o professor Paulo Henrique Romagna, já formado em Educação Física. Já nas terças e quintas, as turmas eram divididas, e eu assumia sozinho o grupo dos iniciantes, com suporte e supervisão do professor Daniel, também formado e responsável pelo projeto. Essa dinâmica favoreceu tanto o aprendizado prático quanto a troca de experiências com profissionais da área.

Uma coisa que sempre me chamou atenção na escolinha foi o envolvimento dos pais, pois eles participavam ativamente, principalmente nas aulas especiais do fim do mês, o que criava um clima de valorização para os meninos. Ao final de cada mês, era realizada uma aula especial com a presença dos pais, uma para cada turma, com o intuito de mostrar o progresso dos alunos e envolvê-los no processo de aprendizagem. Esse momento também servia como

espaço de diálogo entre professores e famílias, que frequentemente demonstravam interesse em acompanhar de perto o desenvolvimento técnico, motor e social dos filhos.

Capítulo 2 – Planejamento Pedagógico

Ao longo das aulas na escolinha de futsal, fui adaptando meu planejamento para acompanhar as necessidades de cada faixa etária, tentando sempre considerar o momento de desenvolvimento em que os alunos se encontravam e valorizando o processo de ensino e aprendizagem de maneira progressiva e significativa. As aulas eram organizadas semanalmente, com base em observações feitas em encontros anteriores e na evolução individual e coletiva dos alunos, avaliada de forma contínua a partir de aspectos como engajamento nas atividades, capacidade de cooperação, compreensão das regras propostas, desenvolvimento motor básico e interação social com os colegas. Esses critérios, observados de maneira sistemática durante as aulas, serviam de parâmetro para ajustar o nível de complexidade das propostas pedagógicas.

Os alunos que participavam das aulas vinham com vivências bem diferentes. Alguns já tinham contato com o futsal há mais tempo, enquanto outros estavam começando a conhecer o esporte ali mesmo, nas primeiras atividades. Enquanto alguns alunos já possuíam certa familiaridade com o futsal, por já terem frequentado a escolinha em anos anteriores, outros estavam iniciando o contato com a prática esportiva. Com isso, precisei elaborar atividades distintas, com níveis de complexidade adequados a cada grupo. As turmas de segunda e quarta, por exemplo, permitiam a exploração de jogos mais elaborados, que exigiam maior entendimento tático e tomada de decisão. Já nas turmas de terça e quinta, com os alunos iniciantes sob minha responsabilidade, o foco recaiu sobre a ambientação, coordenação motora e noções básicas de jogo coletivo.

No dia a dia das aulas, usei diferentes tipos de materiais para tornar as propostas mais interessantes e dinâmicas — como cones, escadinhas, pratinhos e bolas adaptadas, que funcionavam muito bem com os meninos. Esses recursos eram incorporados em jogos e circuitos que trabalhavam habilidades como controle de bola, percepção espacial, equilíbrio, tempo de reação e cooperação. Também considerei importante variar o formato das atividades entre tarefas individuais, em duplas e em pequenos grupos, com o objetivo de estimular interações sociais e diferentes formas de aprendizagem.

Meu planejamento teve como objetivo não apenas desenvolver aspectos técnicos do futsal, mas também promover valores como respeito, companheirismo e empatia. Por isso, as propostas priorizavam a participação de todos, o estímulo ao diálogo e o reconhecimento das

diferenças entre os alunos. Para isso, busquei, por meio da proposta metodológica, dar ênfase à ludicidade, ao entendimento do jogo e à tomada de decisão, o que está em consonância com abordagens como a do modelo *Teaching Games for Understanding* (TGfU), já citado na fundamentação teórica.

Também procurei equilibrar as aulas com momentos mais agitados e outros mais calmos, respeitando o ritmo da turma e evitando que os alunos ficassem cansados ou perdessem o interesse. Compreendia que a motivação é essencial no processo educativo, e que o jogo deve ser, acima de tudo, um espaço de prazer, desafio e expressão.

Capítulo 3 – Desenvolvimento das Aulas e Interações Sociais

Durante o tempo que estive na escolinha de futsal, preparei aulas bem variadas, sempre tentando trazer propostas diferentes para que os meninos aprendessem se divertindo, adaptadas à faixa etária e ao nível de desenvolvimento dos alunos. As turmas eram divididas considerando critérios como idade, experiência prévia com o futsal e maturidade para compreender as atividades propostas. Dessa forma, os alunos com maior familiaridade com a modalidade participavam de dinâmicas mais complexas, enquanto os iniciantes tinham acesso a propostas mais simples, que priorizavam a ambientação, a coordenação motora e noções básicas de coletividade.

Nas turmas de segunda e quarta-feira, compostas por alunos com um pouco mais de familiaridade com a prática esportiva, conseguimos implementar dinâmicas mais complexas, com jogos reduzidos que exigiam maior organização tática e interação em grupo. Já nas aulas de terça e quinta com os iniciantes, montei atividades mais simples, voltadas principalmente para ajudar os meninos a se adaptarem aos materiais, ao espaço e à lógica dos jogos, e principalmente à socialização inicial. Observei que, mesmo entre os mais novos, a repetição das atividades e o acolhimento constante contribuíam para a construção de vínculos e maior engajamento nas aulas.

Muitas vezes vi os próprios meninos se ajudando, mesmo sem eu pedir. Eles dividiam materiais, esperavam a vez do colega e até explicavam regras entre si. Essas situações refletem os princípios do modelo *Teaching Games for Understanding* (TGfU), no qual a compreensão das dinâmicas do jogo é estimulada pela participação ativa dos alunos. Ao negociar soluções, explicar regras ou propor estratégias, as crianças não apenas reproduziam o que o professor dizia, mas demonstravam capacidade de reflexão, tomada de decisão e colaboração.

É claro que alguns conflitos aconteceram, como brigas por bola ou frustrações. Nesses momentos, precisei intervir com calma e conversar com os meninos para manter o clima da aula leve e respeitoso. Busquei mediar os desentendimentos por meio do diálogo, promovendo a escuta ativa e sugerindo adaptações nas regras ou na organização das equipes. Com o passar das semanas, percebi que os alunos passaram a lidar melhor com essas situações, demonstrando maior autocontrole e respeito mútuo.

Percebi que os meninos se sentiam mais seguros quando já sabiam mais ou menos como a aula iria acontecer, o que deixava o ambiente mais tranquilo e ajudava no comportamento da turma; pois ao reconhecerem a estrutura das aulas e saberem o que esperar, os meninos se mostravam mais seguros e participativos. Mesmo aqueles que, no início, apresentavam comportamento disperso ou dificuldade de interação, passaram a se envolver com mais naturalidade nas atividades e a criar vínculos com os colegas e comigo.

A experiência confirmou para mim que o espaço da quadra vai muito além do jogo: é um ambiente onde relações são construídas, emoções são trabalhadas e valores são ensinados de forma prática e significativa. Entre esses valores, destacam-se o respeito às diferenças, a cooperação, a empatia, a disciplina e o senso de responsabilidade coletiva. É importante salientar, contudo, que tais aprendizagens não são produzidas automaticamente pelo futsal em si, mas resultam da intencionalidade pedagógica presente na forma como a prática foi conduzida, integrando o esporte a um projeto educativo consciente.

Capítulo 4 – Evidências de Sociabilização

Com o passar do tempo nas aulas da escolinha, fui percebendo mudanças significativas no jeito como os meninos se relacionavam uns com os outros, especialmente entre aqueles que apresentavam mais dificuldade de interação no início das aulas. O futsal, enquanto prática esportiva coletiva, favoreceu o desenvolvimento de habilidades sociais como cooperação, empatia, escuta e respeito ao outro. Essas competências foram se manifestando progressivamente, muitas vezes de forma sutil, nos pequenos gestos do cotidiano das aulas.

Nas turmas de terça e quinta-feira, por exemplo, muitos alunos iniciaram o ano letivo com baixa participação, evitando interações ou demonstrando certo receio de se envolver nas atividades propostas. Com o passar das semanas e o fortalecimento dos laços com os colegas e comigo, esses mesmos alunos passaram a demonstrar comportamentos mais abertos, como se oferecer para formar dupla, dividir materiais, ou mesmo incentivar os colegas durante os jogos. Essas atitudes foram sendo fortalecidas por meio de estratégias pedagógicas que priorizavam o acolhimento e a valorização do esforço coletivo.

Nos jogos, dava para ver vários momentos em que um aluno ajudava o outro, seja explicando uma regra, dividindo a bola ou apenas esperando com paciência a vez do colega. Embora nem sempre essas atitudes ocorressem espontaneamente, percebi que, com o estímulo constante por parte da equipe docente, muitos alunos passaram a colaborar de forma mais consciente. Por exemplo, alguns ajudavam os colegas a se posicionarem corretamente nas atividades, entregavam bolas sem serem solicitados, ou aguardavam sua vez com mais paciência, mesmo nos momentos de maior excitação e agitação.

Claro que alguns conflitos surgiam, como acontece em qualquer grupo de crianças. Mas esses momentos também mostravam como eles estavam aprendendo a conviver, resolver problemas e ouvir o outro. Em diversas situações, fui responsável por mediar desentendimentos causados por disputas de bola ou discordâncias quanto às regras. Nessas ocasiões, sempre busquei propor conversas breves com os envolvidos, incentivando a escuta e o reconhecimento das emoções dos colegas. A cada nova situação, percebi que os meninos se mostravam mais dispostos a compreender e aceitar o ponto de vista do outro, o que indica um amadurecimento progressivo das interações sociais.

As aulas especiais, realizadas ao final de cada mês com a presença dos responsáveis, também foram importantes para perceber os avanços na socialização dos alunos. Nessas ocasiões, os pais relatavam com frequência mudanças percebidas fora do ambiente da escolinha, como maior paciência com os irmãos, respeito às regras em casa e vontade de brincar com colegas fora da aula. Embora esses relatos não tenham sido registrados sistematicamente, serviram como importante feedback sobre o impacto da prática pedagógica na vida social dos meninos.

Acredito que o ambiente construído ao longo do tempo (com rotinas claras, afeto, regras dialogadas e oportunidades de convivência) foi determinante para esses avanços. Mais do que ensinar fundamentos do futsal, entendo que contribuí para a formação de um espaço educativo onde os alunos puderam exercitar, no dia a dia, a convivência respeitosa e colaborativa.

As imagens a seguir ilustram algumas das situações mencionadas ao longo deste capítulo. São registros visuais que reforçam o desenvolvimento das interações sociais dos alunos nas aulas da escolinha de futsal. A Figura 1 demonstra um momento de cooperação entre colegas durante uma atividade com bola. As Figuras 2 e 3 mostram as aulas especiais com participação das famílias, evidenciando o envolvimento dos responsáveis e a valorização da socialização no contexto do projeto.



Figura 1: Alunos interagindo durante atividade.
Fonte: O autor



Figura 2: Aula dos pais turma de terça e quinta.
Fonte: O autor



Figura 3: Aula dos pais turma de segunda e quarta.
Fonte: O autor.

Capítulo 5 – Desafios e Aprendizados

Ao longo da minha trajetória na escolinha de futsal, enfrentei diferentes desafios que contribuíram significativamente para a minha formação como educador e como pessoa. Lidar com turmas compostas por meninos de 3 a 7 anos exigiu atenção constante, sensibilidade e capacidade de adaptação. As situações vividas me proporcionaram aprendizados que não

seriam possíveis apenas pela teoria acadêmica e que me marcaram tanto no aspecto profissional quanto pessoal.

Um dos principais desafios foi manter o foco e o engajamento dos alunos durante toda a aula. Crianças dessa faixa etária se distraem com facilidade e, por vezes, demonstram resistência em participar de atividades estruturadas. Por isso, precisei pensar em estratégias criativas para manter o interesse do grupo, utilizando diferentes recursos lúdicos, explorando o espaço da quadra de maneiras variadas e sempre equilibrando momentos de maior intensidade com períodos de menor exigência física e cognitiva. Entre as estratégias aplicadas, destaco: a variação constante das atividades, alternando jogos curtos e dinâmicos com exercícios mais calmos; a utilização de materiais coloridos e atrativos, como cones, pratinhos e bolas adaptadas; a introdução de desafios progressivos, nos quais as crianças podiam superar etapas simples antes de chegar a situações mais complexas; e a criação de narrativas lúdicas, em que os alunos eram convidados a imaginar papéis (como heróis, exploradores ou guardiões de espaços) para cumprir as tarefas propostas. Além disso, valorizava pequenas conquistas individuais e coletivas, o que contribuía para manter a motivação e o envolvimento ao longo das aulas.

Também enfrentei dificuldades na mediação de conflitos entre os alunos, o que exigiu paciência e jeito para lidar com cada situação. As disputas por bola, divergências sobre regras ou mesmo a frustração de não conseguir realizar uma tarefa eram frequentes. Percebi que minha postura diante dessas situações fazia toda a diferença. Com o tempo, desenvolvi mais habilidade para intervir com firmeza e empatia, propondo conversas, reorganizando os grupos ou ajustando regras para garantir que todos se sentissem respeitados e incluídos.

A gestão do tempo também foi um ponto de aprendizado importante. Com apenas uma hora por dia para cada turma, precisei encontrar formas de organizar o conteúdo de forma objetiva e funcional, sem perder a essência pedagógica das atividades. Aprendi a planejar melhor, mas também a improvisar quando necessário, sempre atento às reações dos alunos e à dinâmica que se estabelecia em cada encontro.

Tive a sorte de conviver com professores experientes e aprendi muito só de observar como eles conduziam as aulas, lidavam com os alunos e resolviam imprevistos. A forma como o professor Paulo Henrique conduzia as aulas e o suporte oferecido pelo professor Daniel, meu supervisor, foram fundamentais para que eu desenvolvesse segurança e clareza nas minhas intervenções. Essas trocas me mostraram, na prática, como manter a autoridade de forma acolhedora e como adaptar a linguagem às necessidades de cada grupo.

Outro ponto importante, para mim, foi aprender a conversar com os pais. Nas aulas abertas, tive que explicar propostas, ouvir opiniões e construir uma relação de confiança com eles. Esse vínculo entre escola e família se mostrou essencial para fortalecer o processo educativo e ampliar os efeitos positivos da prática pedagógica.

Concluo este capítulo reconhecendo que os desafios enfrentados ao longo da experiência na escolinha foram fundamentais para consolidar minha identidade docente. Aprendi que educar não é apenas ensinar conteúdos, mas criar condições para que o outro se desenvolva plenamente — em seus movimentos, suas relações e na forma como se vê no mundo. A prática na escolinha de futsal me ensinou que, por trás de cada atividade planejada, existe um campo fértil para o crescimento humano, e que o esporte pode ser uma poderosa ferramenta nesse processo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação teve como propósito analisar a contribuição da prática do futsal para o desenvolvimento social de crianças na primeira infância, a partir de uma experiência pedagógica realizada em ambiente extracurricular, em uma escola particular na cidade de Vitória, Espírito Santo. Ao longo do processo, foi possível observar que o futsal, quando orientado pedagogicamente, configura-se como um meio eficaz de promoção de interações sociais positivas entre os alunos.

As vivências relatadas indicam que o espaço esportivo, sobretudo quando estruturado com intencionalidade educativa, favorece a construção de vínculos interpessoais, o respeito às regras, a escuta ativa e o desenvolvimento de atitudes de cooperação. Mesmo entre crianças com pouca experiência anterior em atividades esportivas, notou-se um avanço significativo na forma como se relacionavam com os colegas, professores e com o próprio processo de aprendizagem.

Além dos resultados observados nos alunos, a prática pedagógica revelou desafios importantes para a atuação docente, como a necessidade de mediação de conflitos, a gestão eficiente do tempo e a adaptação constante das atividades às especificidades de cada turma. Tais aspectos reforçam a complexidade da docência na Educação Infantil e a importância de formação continuada e de experiências práticas qualificadas para futuros professores.

Dessa forma, conclui-se que o futsal, inserido em uma proposta pedagógica consciente, pode atuar como ferramenta significativa no processo de socialização infantil. Através do jogo coletivo, promove-se não apenas o desenvolvimento motor, mas também habilidades sociais fundamentais para a convivência, como respeito, empatia, cooperação e diálogo.

REFERÊNCIAS

BAYER, Claude. **O ensino dos desportos coletivos**. [S.l.]: [s.n.], [s.d.].

GALATTI, Larissa Rafaela et al. **Pedagogia do esporte: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos**. Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 6, ed. especial, p. 397-408, jul. 2008.

GALATTI, Larissa Rafaela et al. **Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos**. Revista de Educação Física/UEM, v. 25, n. 1, p. 153-162, 2014.

GARGANTA, Júlio. **Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos**. [S.l.]: [s.n.], 1995.

GROLLMUS, Thais Helena de Souza; TARRÉS, Saraí Chamma. **Relato de experiência: uma proposta de sistematização**. Curitiba: Appris, 2015.

OLIVEIRA, Ubirajara de. **Futebol de areia: da iniciação ao treinamento no extracurricular**. Revista Brasileira de Educação Física Escolar, ano VI, v. 3, mar. 2021.

OLIVEIRA, Ubirajara; BATISTA, Gustavo Santos; SANTOS, Fernanda Silva dos. **O ensino do futsal através de jogos na educação física escolar**. Corpoconsciência, Cuiabá-MT, v. 27, e16605, p. 1-18, 2023. Disponível em: [link ausente]. Acesso em: 13 jun. 2025.

PAES, Roberto Rodrigues. **A pedagogia do esporte e os jogos esportivos coletivos**. In: BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Moderna, 2002. p. 89-108.